

Pornografia Impressa: uma análise dos catecismos de Carlos Zéfiro

*Matheus Navarro*¹

Resumo

O artigo visa à análise da obra de Carlos Zéfiro, prolífico desenhista de quadrinhos pornográficos brasileiros de forte atuação nas décadas de 1950 e 1960, sob o viés dos estudos da pornografia. Em seus chamados *Catecismos*, Zéfiro narrava situações que culminavam em práticas sexuais explícitas, ilustradas pelos desenhos do autor e pelas narrações e caixas de diálogo presente nos quadrinhos. A obra de Zéfiro traz a tona diversas perspectivas de análise da pornografia: seu surgimento enquanto categoria legal vinculado a um processo de modernização do ocidente; a disseminação da pornografia por meio da imprensa, e a contestação da ordem vigente por meio de suas obras.

Palavras-chave: *Quadrinhos Brasileiros; Pornografia; Modernidade; Carlos Zéfiro.*

¹ Aluno do curso de Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense. É monitor da disciplina de Animação e desenvolve estudos sobre animação e quadrinhos japoneses, cinema japonês e modelos de produção do cinema brasileiro contemporâneo.

Pornografia e modernização

A forma como entendemos a pornografia hoje – isto é, sua interpretação no senso comum – faz parte de uma lógica ocidental traçada durante o processo de construção da modernidade, pautado por uma ideologia burguesa, capitalista e cristã. O conceito de pornografia como uma categoria distinta de literatura ou de representação visual seria difundido apenas após o início do século XIX. Como nos lembra HUNT (1999: 10), “se considerarmos como representação explícita dos órgãos e das práticas sexuais para estimular sensações, então, até meados ou final do século XVIII, a pornografia era quase sempre algo além”. Desde o século XVI, seu uso (seja por meio de formas manuscritas ou posteriormente impressas), estava ligado a uma contestação da ordem vigente – política e religiosa.

Embora o desejo, a sensualidade, o erotismo e até mesmo a representação explícita dos órgãos sexuais possam ser encontradas em muitos, senão em todos, tempos e lugares, a pornografia como categoria legal e artística parece ser um conceito tipicamente ocidental, com cronologia e geografia particulares (HUNT, 1999: 10).

O controle sobre a produção manuscrita e impressa na Europa dos tempos medievais até o século XVII era ordenado em nome da religião e mesmo da autoridade política. A obscenidade como categoria discursiva está associada no ocidente a uma lógica moralista burguesa, pautada na cristianização do modo de vida (o sofrimento como etapa para a salvação), na disseminação do capitalismo como sistema econômico e na família como instituição de controle do privado. Se antes da modernidade as leituras de representações pornográficas estavam vinculadas a uma forma de ridicularização da ordem religiosa e política vigente, durante a modernidade, com a decadência destas antigas ordens, toda pornografia passa a ser lida como uma ofensa a nova ordem ideológica dominante, a burguesa, uma vez que a explicitação do ato sexual atentava aos valores morais desta nova sociedade, pautada na contenção da vida privada, onde a família, aliada à lógica meritocrata, eram as únicas formas de se alcançar o sucesso, e, por conseguinte, a felicidade.

Embora produzida em meados da década de XX, a obra de Carlos Zéfiro nos ajuda a entender como na modernidade a pornografia ganha uma nova forma de leitura, muito ligada a uma necessidade de uma sociedade de influência claramente iluminista e racional

de encontrar na produção cultural formas de catarse e sensações ligadas ao corpo, uma vez que o modelo esclarecido aplicado após a Revolução Francesa relegava ao sentimento um papel secundário.

Os catecismos de Carlos Zéfiro explicitam como a pornografia de caráter político na modernidade passa a se pautar em críticas a moral instituída. Suas obras se pautavam na prática do sexo sem pudor, sempre em ambientes privados; sua distribuição era feita em bancas de jornal e no mão a mão de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo – a troca era feita em ambientes também privados ou entre conhecidos. Se padres, reis e nobres antes do século XIX eram erotizados e colocados em situações de cunho pornográfico como forma de crítica àquela ordem vigente, nos séculos XIX e XX esta pornografia passa a atentar contra as normas dos bons costumes sociais, onde os personagens são homens comuns, em seus ambientes domésticos. Como nos lembra HUNT, “as leis modernas sobre a obscenidade se formaram apenas no início do século XIX.” (1999: 12)

Pornografia e imprensa

A disseminação de material de caráter pornográfico no ocidente está intimamente ligado com o desenvolvimento da imprensa, que não só ganharia força com o projeto de modernidade, como seria um catalisador deste processo, já que permitia uma maior divulgação de todo um novo pensamento ideológico que surgia.

Em virtude de uma série de inovações técnicas associadas a invenção da impressão e, consequentemente, à codificação elétrica da informação, as formas simbólicas começaram a ser produzidas, reproduzidas e distribuídas numa escala sem precedentes. Os modelos de comunicação e interação se transformaram de maneira profunda e irreversível.” (THOMPSON: 2002: 49)

Hunt argumenta que a “pornografia começou a aparecer como gênero distinto de representação quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações.” (1999: 13) Durante o século XIX, com um número cada vez maior de obras impressas, se torna necessária a categorização e enciclopedização não só de obras literárias, mas de todas as formas de saber: elas passam a ser muitas, que devem ser diferenciadas para que possam ser selecionadas e então absorvidas.

A pornografia é vista como categoria de distinção. Dela fazem parte obras de caráter sexual, onde esta prática é evidenciada e trazida ao campo da representação, seja por meio de imagens, seja por meio de palavras.

Esta pornografia moderna encontra na imprensa um meio de disseminação nunca visto antes. Aliado a uma lógica capitalista de consumo, ela se espalha como uma resposta a uma sociedade de mercado que começava a se cristalizar segundo uma ideologia burguesa. Os livros, panfletos e jornais proibidos que vinculavam este tipo de material, começam a ser perseguidos, “não por desagradar as autoridades religiosas e políticas, mas por transgredir a ordem social.” (HUNT, 1999: 15)

É por transgredir esta ordem que as obras de Zéfiro passam a ser publicadas e distribuídas de forma informal, uma vez que ainda na década de 1950 tanto o mercado editorial quanto a própria sociedade brasileira não estavam preparados para uma publicação de cunho erótico-pornográfico de tamanha ousadia. Suas obras rapidamente se transformaram em um sucesso de público, principalmente entre as camadas populares.

Zéfiro, por meio de suas publicações de grande disseminação popular se assemelha muito ao escritor do século XVI Pietro Aretino. Desde àquela época, já se atentava à necessidade de disseminação de obras pornográficas para o público em geral. Assim como Zéfiro, Aretino tratava em suas obras de encontros amorosos; apesar de na época do último estas obras estivessem fechadas a um seleto círculo de humanistas, ambos os autores possuem em comum o uso da imprensa como ferramenta de divulgação e distribuição de seus trabalhos em massa.

A própria proibição ou taxação moral da pornografia ao longo de sua história – e que se reflete na trajetória dos Catecismos de Zéfiro – contribuíram, por um lado, para sua definição e, por outro, para a existência de um público leitor para tais obras e de autores empenhados em produzi-las. (HUNT, 1999: 20) A própria censura (seja ela oficial ou moral) aguçava nos leitores uma curiosidade por tais obras e intensificava um desejo ligado ao corpo, suprimido pela sociedade racional-iluminista.

Contestação de ordem: os Catecismos de Zéfiro

Os catecismos de Carlos Zéfiro ilustram muito bem como a produção pornográfica moderna se pautou em uma contestação da ordem burguesa, muito mais do que uma contestação de ordem política ou religiosa, como havia sido antes do século XVIII.

Em uma de suas obras, intitulada MEDO, nos deparamos com a seguinte frase de abertura: “Desde criancinhas que Pedro e Dulce se amavam, mas havia uma coisa que os atrapalhavam em seu desejo de se pertencerem: o MEDO das fofocas da cidade do interior onde moravam, Encontravam-se sempre às escondidas.”

O sexo é visto como algo sujo e proibido pela sociedade. Mesmo se amando desde crianças, os dois jovens não podem, nas palavras do autor, “se pertencerem”. Dulce nega a primeira investida de Pedro. Só após Pedro passar anos estudando fora é que os dois decidem não se guardarem mais. Contestando a moral vigente, eles acabam por encontrar a solução: usam o barracão da casa do personagem para o ato sexual. E é após o gozo que eles tomam sua decisão: nas palavras de Dulce, “agora que sou dona disso tudo, não tenho medo de mais nada! Podem fazer fofoca a vontade”. O prazer é colocado antes da moral; os personagens decidem agir seguindo seus sentimentos e suas necessidades carnis, e não mais a sociedade racional. É a vitória do corpo.

Zéfiro foi importante como contraponto à “sexualidade oficial”, que respondia a interesses políticos e econômicos. Sua obra continha representações distintas daquelas permitidas, e era manifestação cultural autêntica. Apontou novas formas de seduzir, novos espaços para amar, práticas não-saudáveis, enfim, possibilidades além das “regras oficiais” do jogo erótico (BRUM, 2003: 2).

Em nível de linguagem, Zéfiro se utilizava de quadros inteiros por página. Isto permitia uma maior apreciação por parte do leitor já que demandava um tempo específico de apreciação (que não seria possível caso os quadros fossem menores e muito desconexos); seu formato pequeno e com desenhos que muitas vezes privilegiavam a relação de toque entre os personagens e mesmo o plano detalhe da penetração. A narração das histórias por sua vez, ganhava um tom poético ou mesmo lúdico, que conferia uma sensibilidade única às histórias; em seu meio, eram colocadas palavras obscenas, que também surgiam dentro dos diálogos das personagens. “A palavra obscena representa o contraste entre diferentes registros sociais da linguagem (...). Ao representar a transgressão social, além de uma espécie de hiper-realismo, a linguagem obscena cria o fetichismo de certos vocábulos relacionados ao sexo. Ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o status de fetiche.” (HUNT, 1999: 39)

Os catecismos de Zéfiro foram obras importantes no sentido de liberalização da representação do sexo no meio editorial brasileiro. Se na década de 1950 víamos surgir no horizonte uma possibilidade de novas abordagens e modelos de criação – o surgimento do sentido de juventude, as lutas sindicais, a luta feminina, etc. –, a década de 1960 aguçaria o espírito questionador da arte – a luta pelos direitos de negros, dos gays, pela liberalização do sexo etc. –, com o surgimento de vanguardas modernas e em especial a *pop art* que transformava o simples material de consumo em obra de arte. No Brasil, estes movimentos contestatórios ganhariam força a partir da década de 1970. Nos quadrinhos brasileiros, o surgimento de uma nova geração apontava um caminho que bebia não só na fonte do movimento *underground* das *comics* americanas (influenciados por Robert Crumb, Gilbert Shelton, entre outros) como em uma revalorização de autores brasileiros considerados contestatórios. Artistas importantes como Glauco, Angeli e Laerte, teriam sua produção entre a década de 1970 e a década de 1980 marcado por uma crítica social constante aos modelos impostos pela moral, onde o sexo surgia como um elemento de grande força contestatória, alçando Zéfiro ao nível de mestre pela coragem e audácia de trazer beleza e poesia por meio da expressão sexual de seus quadrinhos, sempre vulnerável aos ataques moralistas de uma sociedade de consumo burguesa de base cristã e familiar.

Referências Bibliográficas

BRUM, Fabiano. *A poética da pornografia de Carlos Zéfiro*. Departamento de comunicação visual – EBA/UFRJ. 2003.

HUNT, Lynn. *A invenção da pornografia*. São Paulo: Hedra, 1999.

THOMPSON, John B. “A mídia e o desenvolvimento das sociedades modernas”. In *A mídia e a modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.